

“A FILOSOFIA DA COMPOSIÇÃO” DE EDGAR ALLAN POE: APLICAÇÃO DA METODOLOGIA EM UMA CANÇÃO POPULAR DO SÉCULO XXI

Raquel de Moraes Pianta

ra.pianta@gmail.com

Bacharelado em Música Popular pela UFRGS

Palavras-chave: Estética, Canção popular, Música, Método de criação

O ensaio de Edgar Allan Poe, publicado em 1999, mostra a metodologia por ele utilizada na criação de seu poema *O Corvo*, do ano de 1845. Para fazer a aplicação da mesma, escolhi uma canção norte-americana intitulada *My Stupid Mouth*, composta e interpretada por John Mayer, lançada em 2001, integrando o CD *Room For Squares*. Cada etapa descrita por Poe será aplicada e comparada à canção do músico norte-americano.

O texto de Poe é uma declaração inaugural entre os artistas de que a arte não é concebida por uma luz divina. O resultado da obra é uma consequência da racionalidade exigida do artista a cada processo da criação de seu trabalho. O autor coloca em questão a vaidade e a dificuldade advinda da mesma para os artistas mostrarem ao público as etapas da criação de suas obras. Deve-se a isso a fragilidade exposta nesse processo, o contato do público com as dificuldades da gênese da obra, os cuidados e a racionalidade exigidos do provedor da arte. Não obstante, Poe coloca que a maioria dos artistas também poderia deixar de expor suas etapas criadoras por simplesmente não se recordarem dos passos pelos quais tiveram que passar até chegar ao resultado final de suas composições. Dificuldades essas que Edgar Allan Poe afirma não possuir.

O autor então nos apresenta a sua intenção de mostrar, analisar e reconstruir a sua obra que julga ser a mais conhecida entre o público em geral: *O Corvo*. Compara a criação da mesma com um problema matemático, de precisão, já afirmando que o acaso e a simples intuição não fizeram parte do processo criativo.

Para analisarmos a canção de John Mayer seguiremos a ordem das etapas expostas por Poe em *A Filosofia da Composição*. A primeira consideração feita é a da extensão da obra. Criando-se uma unidade de impressão, que consiste em requisitar do leitor ou, no caso, ouvinte, uma atenção que não deve ser prejudicada por necessitar de um tempo muito extenso para apreciar a obra, conseguimos a apreciação na totalidade. Poe diz: “[...] e todas as emoções intensas, por uma necessidade psíquica, são breves”(POE, 1999, p.2), assim conclui que para alcançar o efeito pretendido sobre seu público alvo, a duração de sua obra deve “[...] estar na razão direta da intensidade do efeito pretendido”(POE, 1999, p.2). Tendo uma composição longa, muitas vezes o

público é obrigado a contemplá-la em mais de um momento, e essa sensação de totalidade pode ser destruída pelas interrupções causadas pelas inúmeras ocorrências do cotidiano. *My Stupid Mouth* tem a duração de exatos 3 minutos e 45 segundos, um tempo médio entre as canções populares, cujos veículos de comunicação exigem concisão. Essa exigência se deve, entre outros fatores, ao acima descrito por Poe.

Seguimos as considerações do autor com a escolha de uma impressão ou efeito que visamos obter em uma obra. Poe logo deixa claro que seu objetivo é tornar sua obra apreciável por todos e, para isso, busca para seu poema o que ele diz ser “[...]o mais elevado tom da Beleza”(POE, 1999, p.4). Segundo Poe (1999), a Beleza é um efeito causado nos homens e não uma qualidade da obra. Tal tom por ele procurado encontra-se na melancolia, sendo ela o mais legítimo de todos os tons poéticos. Empregando essa ideia na canção de Mayer, encontramos a melancolia no medo da perda da mulher amada por um erro cometido por ele. A letra do compositor descreve sua falta de controle com o que costuma dizer, lamentando não ter escutado o que sua mãe dizia sobre pensar antes de falar. Mostra sua auto-crítica dizendo-se incapaz de controlar o que diz e avisa que jamais voltará a falar novamente, nos apresentando uma visão bastante melancólica sobre si. Encontramos sua tristeza e lamento, também, na melodia de sua voz. Em sua maior parte a linha melódica do cantor sobe e desce por graus conjuntos, ocorrendo, no máximo, momentos em que temos um salto de uma oitava ascendente, não durando mais que um compasso, descendendo por grau conjunto e nos dando uma sensação de melancolia (imagem 1).



Tendo a busca do tom ideal finalizada, o autor agora procura “obter o efeito artístico agudo, algum eixo sobre qual toda a estrutura deveria girar”(POE, 1999, p.3). O refrão, por ser universalmente empregado e com boa repercussão do seu resultado de efeito, é o que Poe encontra para sua problemática. Porém, não conforma-se com seu simples uso, procura ampliar seu efeito tentando empregá-lo de alguma forma mais eficaz:

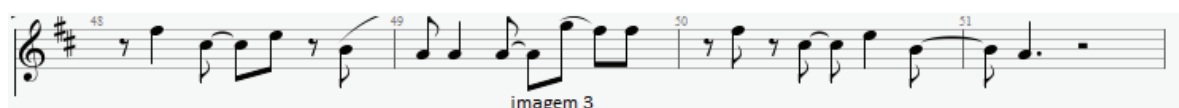
Como é comumente usado, o refrão poético, ou estribilho, não só se limita ao verso lírico, mas depende, para impressionar, da força da monotonia, tanto no som, como na ideia: isto é, decidi produzir continuamente novos efeitos, pela variação da aplicação do estribilho, permanecendo este, na maior parte das vezes, invariável. (POE, 1999, p.3)

Primeiramente, observemos (imagem 2) a harmonia executada pelo violão.



Em canções, costumamos chamar de refrão a melodia vocal acompanhada de uma letra fixa que se repete mais vezes que as outras no decorrer da obra. Porém, empregando a ideia de refrão de Poe, que procura um eixo em que tudo gire ao seu redor e que se permaneça invariável, vejo que é inevitável destacar a função do violão como um exemplo de refrão, se colocado nesses critérios. A imagem mostra o começo da música, no qual o violão entra desacompanhado. No decorrer da canção, essa harmonia se apresenta como um eixo de que em torno giram a melodia da voz e da guitarra, além das linhas do contrabaixo e da bateria. Outra observação feita por Poe pode facilmente ser aplicada nesse refrão que acabo de analisar: “[...] era claro que esse refrão deveria ser breve, pois haveria insuperáveis dificuldades na aplicação de qualquer sentença extensa. Em proporção à brevidade da sentença, estaria, naturalmente, a facilidade da variação” (POE, 1999, p.3).

Chegamos ao clímax, onde, segundo Poe, deveria concentrar-se o máximo de tristeza e desespero possível.



A imagem 3 ilustra o momento em que John canta: “I’m never speaking up again / It’s only hurts me / I’d rather be a mystery than she desert me”¹(MAYER, 2001, faixa3).

Toda a inflexão da voz para a região aguda, acrescida de um prolongamento das durações, desperta tensão pelo próprio esforço fisiológico da emissão. Esta tensão fica, quase sempre, correspondente a uma tensão emotiva e o ouvinte já está habituado ouvir a voz do cantor em alta frequência relatando casos amorosos, onde há alguma perda ou separação que gera um grau de tensão compatível.

¹Tradução: *eu nunca vou falar novamente/ isso só me machuca/ eu prefiro ser um mistério a ela me abandonar.*

(TATIT, 2003, p.7)

Tomando o que Poe diz e a breve observação feita por Tatit, concluímos que o clímax é encontrado com êxito pelo músico John Mayer, afinal nos deparamos com a afirmação desesperada do compositor ao concluir que jamais voltará a falar novamente, pois isso apenas o machuca. Justamente temos essa letra empregada no momento em que a voz atinge seu ponto mais agudo e de grande prolongamento, nos dando a sensação de tristeza e frustração máximas apresentadas no decorrer da canção.

Após a listagem de suas noções estéticas e seu método de criação, Poe afirma: “Aí, então, pode-se dizer que o poema teve seu começo pelo fim por que devem começar todas as obras de arte”(POE, 1999, p.5).

REFERÊNCIAS

POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo:

Globo, 1999, 3ª ed. revista.

POE, Edgar Allan. **The Raven**. <http://www.insite.com.br/art/pessoa/coligidas/trad/theraven.php>. Página visitada em 15 de junho de 2013.

MAYER, John. My Stupid Mouth. In: MAYER. **Room For Squares**. Sony Music Entertainment Inc, 2001. Faixa 3.

MAYER, John. **My Stupid Mouth**. <http://songmeanings.com/songs/view/43212/>. Página visitada em 1 de junho de 2013.

TATIT, Luiz. **Elementos para Análise da Música Popular vol. 1, número 2**. Dezembro de 2003.